

Um exercício de descolonizar a psicologia analítica: formação e individuação decolonial da clínica

Mara Cristina Ferreira

Orientador: João Bosco Filho

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21136645>

Entre travessias e encruzilhadas: o início de um percurso de descolonização

*“alguns dizem que só se pode filosofar em alemão, mas se você tiver
uma ideia brilhante, coloque-a numa canção”*
(Caetano Veloso – Canção: Língua).

O profissional que somos, muitas vezes, só consegue emergir quando nos permitimos adentrar camadas mais profundas de nós mesmos. Diferente do simples preenchimento de uma auto anamnese, fui percebendo um movimento mais denso e implicado: o de olhar para trás e ir montando, peça por peça, as referências que constituem os lugares de onde vim. Esse movimento não foi neutro. Ele foi impulsionado por uma busca por respostas que, em certa medida, pareciam querer legitimar quem sou, não a partir do que se espera de mim, mas do que se constitui como possibilidade de existência própria.

É nesse contexto que este trabalho se inscreve como um relato reflexivo situado, construído a partir da minha experiência na Pós-Graduação em Psicologia Decolonial do Instituto Parentes. O encontro com essa formação se apresentou como uma possibilidade concreta de aprofundar a relação com minha ancestralidade e, ao mesmo tempo, tensionar os parâmetros que orientam minha atuação profissional na clínica, no Centro de Formação Archés¹⁹ e em outros espaços da psicologia. Mais do que um avanço teórico, tratou-se de um deslocamento ético, estético e político no modo de compreender e exercer a prática clínica.

O caminho para dentro foi sendo tecido nas aulas da pós-graduação, atravessadas pelas histórias e experiências de cada participante. Esse processo convocou um tipo de interiorização que Carl Gustav Jung já apontava como possibilidade de acesso a

¹⁹ Archés trata-se de uma Clínica e Centro de Formação em Psicologia Analítica localizado em Curitiba-PR, cuja missão é criar uma relação crítica e singular com a proposta psicológica de Jung. Um lugar de confluências entre a psicologia analítica, a cultura e o mundo.

dimensões essenciais da psique, frequentemente descritas como arquetípicas. No entanto, esse movimento também tensiona a própria noção de interioridade, sobretudo quando colocado em diálogo com James Hillman, que desloca essa compreensão ao propor a alma como um campo da perspectiva, que não se restringe a uma interioridade pessoal, mas se apresenta como adjetivo para tudo que tem uma existência e na relação com o mundo. A alma está no mundo.

No Livro Vermelho, Jung (2010) explicita, por meio de imagens e narrativas, um mergulho radical em sua própria psique. Essa experiência, que contribuiu significativamente para a construção de sua teoria, aponta para a interiorização como via de transformação e individuação. Nesse trabalho de conclusão, tomar essa referência como ponto de partida, não se trata de reproduzi-la, mas de interrogá-la a partir do contexto em que me encontro: até que ponto essa interiorização, tal como formulada, dá conta das múltiplas territorialidades, historicidades e atravessamentos que constituem o sujeito em contextos não europeus? E como um processo de individuação conflui com um pensamento decolonial?

Pensar com Jung e não apenas falar e repetir o que dele herdamos. Essa ideia se desdobra com o que apresenta Quijano (2005) quando indica que somente é possível a construção de uma identidade autônoma quando se reconstitui existências fragmentadas por processos de inferiorizações, primitivismos, submissões impostas por ações e epistemologias colonizadoras e eurocêtricas.

Individuar de forma decolonial traz na essência um encontro com a fragmentação interna resultante deste processo colonizador e também um encontro com a ancestralidade, a multiplicidade e historicidade vividas e norteadas por múltiplos saberes. Não existindo individuação isolada, conforme indica os pressupostos da psicologia analítica, a busca por libertação através de reconstituições psíquicas e epistemológicas poderá fortalecer um caminho ao encontro de uma individuação decolonizante e decolonial.

Hillman (1988), ao propor que “estamos na alma” e que é na relação com ela que a vida psíquica se constitui, amplia a compreensão sobre individuar ao afirmar a necessidade de um envolvimento com o “fazer alma”. Essa perspectiva hillmaniana fortaleceu desde o princípio da minha formação em psicologia analítica, o desejo de articular minhas práticas anteriores com os espaços formativos da clínica atual, não como uma interiorização isolada, mas contemplando uma dimensão relacional, coletiva e situada. Assim como vivenciei na pós-graduação um espaço de “fazer alma”,

conforme proposto por Hillman, busquei sustentar esta dimensão nas práticas clínicas e formativas que tenho me proposto desenvolver.

Ao longo desse percurso, reconheci atravessamentos que ocorreram em diversos encontros com sujeitos de diferentes territórios, culturas e histórias. As trocas estabelecidas funcionaram como verdadeiras fontes emergentes, marcadas por singularidades e, ao mesmo tempo, por uma dimensão coletiva. Nesse sentido, o que inicialmente se configurava como um movimento de interioridade passou a se revelar também como um processo de implicação com o outro, com o mundo e com as diversas trajetórias que se entrecruzam.

Conforme apontam Watkins e Shulman (2008), a criação de alternativas culturais exige o rompimento com formas de pensamento que sustentam o status quo, implicando um trabalho de reimaginação do passado como condição para a transformação do presente. Essa perspectiva foi fundamental para compreender que o movimento de revisitar minha trajetória, meus territórios, minha corporeidade e meus encontros não se tratava apenas de um exercício de memória, mas de um processo ativo de ressignificação e de travessia para sonhar o futuro.

Reolhar o passado, nesse contexto, significou também me confrontar com dores, insuficiências e precarizações, ao mesmo tempo em que reconhecia potências que atravessam minha trajetória. No entanto, esse movimento revelou uma tensão importante: embora houvesse um processo de transformação pessoal em curso, permanecia o desafio de sustentar, na prática clínica, espaços efetivamente descolonizantes. Como indicam Watkins e Shulman (2008), não há libertação possível que seja apenas individual; ela se dá necessariamente em dimensão coletiva.

É a partir da tensão entre transformação pessoal e implicação coletiva que este trabalho se desenvolve, buscando refletir sobre os deslocamentos produzidos na minha formação e prática, bem como sobre os limites, desafios e possibilidades de uma clínica que se pretende, ao mesmo tempo, junguiana e decolonial.

Um rio que muda/segue o “curso” alcança o mar

Na Clínica e Centro de Estudos Archés abrem-se oportunidades da criação de novos cursos e grupos de estudo. Foi nesse espaço que ocorreu a primeira iniciativa em conjunto com Gabriela Cleto Andrade, (psicóloga da clínica e também, como eu, aluna da Pós-Graduação do Instituto Parentes). Essa primeira iniciativa não foi adiante,

porém, fez parte do próprio exercício de descolonizar a psicologia analítica que buscamos produzir. Foi necessário, e possível, um movimento de maior aprofundamento desse processo, o que acabou nos deslocando para um novo “curso”.

Algumas questões passaram a se colocar de forma mais central: quais bases epistemológicas estamos dispostas a integrar, expandir, renunciar ou conectar aos estudos junguianos que já nos sustentam? Quando partimos de saberes oriundos de outros campos, que não o da psicologia, até que ponto validamos, em nós mesmos, o investimento necessário para seguir adiante? Há, de fato, cruzamentos possíveis?

A encruzilhada de saberes pode ser compreendida como uma possibilidade potente de exercitarmos a integridade do nosso existir. Segundo Rodrigues Junior (2018), em sua obra *Pedagogia das Encruzilhadas*, os cruzos operam por meio de rasuras e ressignificações conceituais. No campo da produção de conhecimento, essa noção se apresenta como uma resposta implicada com a ideia de que nossas práticas de saber se tecem nas relações e nas transformações que emergem a partir do encontro com o outro.

Nessa perspectiva, a encruzilhada se configura como um lugar de reconhecimento de saberes e existências diversas, sem a necessidade de eleger um em detrimento de outro. Trata-se de uma terceira via, que não elimina as anteriores, mas as tensiona e as coloca em relação. Como afirma o autor, “a encruzilhada esculhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos” (Rodrigues Junior, 2018, p. 78). É nesse ponto que se evidencia uma compreensão possível do que se configura como decolonial: uma via do múltiplo, do não linear, do que escapa à normatividade e às classificações rígidas.

Assim, pensar a decolonialidade, neste contexto, implica sustentar espaços de abertura para novos “cursos”, que não se pretendem definitivos, mas que ampliam percursos, deslocam olhares, desviam de rotas pré-estabelecidas e acolhem o que é plural.

Esse movimento de reflexão sobre os cruzos de saberes já se faz presente em algumas formações no coletivo de psicólogos da Clínica Archés. Tem sido possível reconhecer e explorar diferentes áreas do conhecimento como fundamentais para a leitura da psique no mundo, rompendo com a ideia de uma psicologia supostamente “neutra”, ainda bastante presente no contexto brasileiro. Nesse sentido, a clínica e as formações desenvolvidas nesse espaço buscam articular as dimensões pessoais, sociais, econômicas e políticas, compreendendo-as como indissociáveis.

Além disso, se tem avançado na construção de propostas formativas em que os saberes possam ser acessados de maneira mais orgânica, favorecendo vínculos, pertencimento e implicação. No entanto, o encontro com outras epistemologias, especialmente aquelas organizadas a partir de vivências de corpo-território, ainda se apresenta como um desafio, exigindo deslocamentos contínuos de todos os envolvidos.

O desejo de promover cruzos de saberes e de criar espaços de descolonização da psicologia analítica foi, então, ganhando movimento, ora de avanço, ora de recuo, abrindo espaço em debates formais e informais entre os integrantes da clínica, bem como nas experiências vivenciadas ao longo da pós-graduação no Instituto Parentes. Esse processo se aproxima do que Rodrigues Junior (2018, p. 79) denomina de “rolê epistemológico”: um movimento que, assim como a ginga da capoeira, envolve, desloca, desestabiliza e busca frestas por onde agir.

Ao iniciar esse processo de descolonização em mim, não imaginava que ampliá-lo para o campo do trabalho implicaria agir nessas frestas, de maneira, por vezes, transgressora e desestabilizadora, exigindo o reconhecimento de dilemas, afetos e tensões, bem como o enfrentamento de regimes de verdade e hierarquizações ainda presentes na prática psicológica e formativa.

Foi nesse contexto que se constituiu, no Centro de Formação Archés, um espaço mais orgânico de formação, denominado Ágora. Pensado como um lugar de trocas e debates, seu escopo parte do reconhecimento de que a psicologia, como qualquer prática humana, é também uma prática política. O Ágora se propõe, assim, a ser um espaço de formação para uma clínica político-cultural pós-junguiana, comprometida com o aprofundamento da escuta do mundo e com a construção de uma comunidade colaborativa. Desse modo, um novo “curso” foi sendo traçado, agora, com os olhos voltados para o mar.

Individuar o mar, uma possibilidade de curso

No Programa Ágora foi possível organizar três encontros com a temática da descolonização da psicologia, realizados no mês de março de 2026, no Centro de Formação Archés. Mais do que uma sequência de aulas, esses encontros se configuraram como uma primeira tentativa concreta de sustentar, na prática, aquilo que até então vinha sendo elaborado no campo das ideias, o que, por si só, já evidenciou tensões importantes entre intenção e realização. Segue informações sobre o módulo:

Módulo: Psicologia e decoloniedade: desconstruindo saberes e práticas

Dia: 06.03 - Conhecimentos introdutórios: Aproximações para a prática de uma psicologia brasileira, com Mara Ferreira

Dia 13.03 - Aprofundamentos teóricos: Descolonizar como um trabalho imaginal, com Gabriela Cleto Andrade

Dia 20.03 - Debate: Encruzilhadas Clínicas – Grupo Ágora

Os encontros, com duração de duas horas, tiveram como ponto de partida a introdução do conceito de aquilombamento, conforme proposto por David (2018), entendido como práxis e dimensão ético-política da luta antimanicomial, ao resgatar os quilombos como metáfora viva de radicalização das relações nas diferenças, orientadas pela busca de liberdade. A proposta foi que o grupo pudesse, de algum modo, aquilombar-se, não apenas como ideia, mas como experiência, vivendo o Ágora como um território de trocas existenciais, profissionais e afetivas.

Nos três encontros, organizou-se um primeiro momento de exposição dos temas, seguido da abertura para que os participantes elaborassem questões, contribuições e compartilhamentos a partir de suas próprias experiências. As falas que emergiram apontaram, de forma recorrente, para a escassez de espaços, dentro da psicologia analítica, que sustentem um debate mais amplo sobre o eurocentrismo e sobre a necessidade de construção de uma psicologia brasileira, situada e implicada.

Conforme propõe Rodrigues Junior (2018), uma pedagogia das encruzilhadas exige não apenas o cruzo de saberes, mas também o que ele denomina de rolê epistemológico e ebó epistemológico. Este último, conceito que começa a ganhar contornos neste trabalho, pode ser compreendido como uma operação capaz de produzir reencantamento naquilo que foi historicamente desencantado pela monocultura dos saberes eurocentrados. Se evidencia que:

O ebó, nesse sentido, configura-se como conhecimento praticado, como rito de encante e como tecnologia forjada nos cruzamentos de sabedorias negro-africanas, ressignificadas na diáspora. Ao incidir sobre seu alvo, ele o afeta, produzindo mobilidade, transformação e abertura de caminhos. Pensar um “ebó epistemológico” implica, portanto, considerar que determinadas operações teórico-metodológicas não apenas explicam o mundo, mas também o movimentam, o afetam e o reconfiguram (Rodrigues Junior, 2018, p. 80).

No entanto, ao tentar sustentar esse tipo de operação no contexto do Ágora, tornou-se evidente que o reencantamento não ocorre de forma linear ou garantida. Ele convive com resistências, dúvidas e, por vezes, com a dificuldade de nomear o que está

em curso. Isso me levou a reconhecer que descolonizar não é apenas abrir espaço para novos saberes, mas também lidar com os efeitos, nem sempre confortáveis, desse deslocamento.

Participar desse processo, atendendo a um chamado interno de construção coletiva de espaços de reencantamento, pode ser comparado à metáfora de uma gota no oceano: um elemento singular, que se reconhece pequeno, mas atravessado por alteridades. Nesse movimento, a ideia de “indivíduoar o mar” começa a ganhar sentido, não como totalização, mas como abertura para múltiplos cursos possíveis.

Indivíduoar a clínica, nesse contexto, parece implicar reconhecer uma alteridade ancestral e sustentar uma escuta aberta às múltiplas formas de existência e saber. No entanto, isso também exige revisitar criticamente os próprios fundamentos da individuação tal como propostos por Carl Gustav Jung, especialmente quando pensados em contextos que não compartilham das mesmas bases culturais e históricas.

Se, para Jung, indivíduoar-se é tornar-se quem se é, envolvendo processos de conscientização, integração e transcendência, a experiência no *Ágora* sugere que esse “tornar-se” não se dá apenas no interior do sujeito, mas na relação com o outro, com o território e com as condições históricas que nos atravessam. Nesse sentido, os encontros criados funcionaram como espaços possíveis, ainda que incompletos e em construção, para cruzos, rolês e ebós epistemológicos.

São movimentos que apontam para uma inteireza que não é fechada, mas relacional; não é estável, mas processual. Um novo curso começa a se delinear, respeitando o fluxo intenso, por vezes sombrio e desconhecido, que, assim como o mar, nunca se deixa apreender por completo.

O que permanece incolonizável

Ser junguiano implica, cada vez mais, ser menos junguiano. Ir adiante - é uma das pistas que Jung oferece como metáfora para o processo de individuação, também para nós, analistas. No entanto, assumir esse “ir adiante”, à luz do tempo em que vivemos, exige mais do que continuidade: exige deslocamento. Exige escutar o espírito do tempo e os chamados da alma nas condições concretas do aqui e agora, o que, neste trabalho, implicou tensionar as próprias bases que me constituíram enquanto psicóloga.

O processo de descolonizar-se foi ganhando outras proporções à medida que noções como corpo-território, cruzas de saberes, resistência e desobediência

epistemológica passaram a atravessar não apenas o pensamento, mas o próprio ato de ser psicóloga. Esse deslocamento não se deu sem tensões. Reconhecer minha trajetória, meus mestres, os territórios por onde caminhei e os encontros que me constituíram foi também confrontar os limites de uma formação que, por muito tempo, se sustentou em referências pouco implicadas com essas dimensões.

Esse percurso não aponta para um fim, mas para um movimento contínuo, “um começo, meio e começo”, como nos ensina Nego Bispo (2023, p. 71). Um movimento que não se estabiliza, mas que se refaz na medida em que novos encontros, saberes e experiências vão sendo incorporados e também tensionados.

O dizer poético presente em Nita Tuxá (2022) abriu, neste trabalho, a possibilidade de acessar minha própria trajetória por outras vias, menos lineares, mais sensíveis, reconectando-me, inclusive, com uma dimensão da minha história em que a escrita já era uma forma de elaborar dores e produzir sentido.

Ao trazer sua poesia, Nita Tuxá (2022, p. 182) não apenas descreve uma psicologia, mas afirma um posicionamento:

“A MINHA PSICOLOGIA

A minha psicologia tem cara, cor, vida e identidade.

A minha psicologia é ancestral, é plural... O meu fazer profissional é de muitos atravessamentos, que me conferem sentido existencial e compromisso sociopolítico-cultural

A minha psicologia se movimenta, é subjetivada em diferentes contextos, territórios e/ou cenários.

A minha psicologia cria o “setting terapêutico”, que pode ser embaixo de uma árvore, em uma “maloca”, em um posto de saúde, em um escritório refinado...

A minha psicologia visa escutar e acolher, criando diferentes canais de comunicação e vínculo.

Eu escolhi fazer uma psicologia de/da representatividade, por quê: A minha psicologia, não é só minha...”

Esse gesto me convoca não apenas à identificação, mas também à responsabilidade de reconhecer até que ponto minha prática se aproxima, ou ainda se distancia dessa perspectiva situada, ancestral e plural.

E, a partir disso, arrisco dizer:

A MINHA PSICOLOGIA

A minha psicologia é de letramento em direitos humanos, é de setting simples e se fez nas estradas por entre a floresta da mata atlântica ainda preservada.

A minha psicologia já foi de pé enlameado e cansado de passos ao calor do sol escaldante...

Ela é de viagens em ônibus com passageiros simples, galinhas, porcos e mãos trabalhadoras e humildes...

A psicologia de território e de corpo vivi primeiro em mim e grande ela foi em me transformar. Hoje meu setting tem janela e cortina, mas guarda um mundo de vivências e gentes que fizeram alma comigo, desde ela, Francelize²⁰, que sem saber, foi a grande primeira mestre que produziu encantamentos de psicologia em mim.

Foram as periferias da vida e os encontros que definiram minha psicologia, na mata atlântica, entre agricultores e na vida vulnerável de crianças, adolescentes e mulheres.

Ao reconhecer essa trajetória, também se torna inevitável perceber que o movimento de descolonização não está concluído e talvez não se conclua. Ele exige vigilância constante, sobretudo para não reproduzir, sob novas roupagens, antigas hierarquias de saber.

Sustentar esse “novo curso” no cotidiano das formações e da clínica demanda mais do que intenção, demanda implicação. Como apontam Watkins e Shulman (2022), trata-se de habitar uma zona fronteira, um espaço entre intelecto e paixão, análise e subjetividade, etnografia e autobiografia, arte e vida. No entanto, habitar essa fronteira não é confortável, implica incerteza, exposição e, muitas vezes, a perda de referências estáveis.

Tal postura aponta para uma prática decolonial não como um lugar alcançado, mas como um exercício contínuo de deslocamento. Nesse sentido, talvez seja necessário afirmar que Jung não precisa de seguidores, mas de quem esteja disposto a seguir adiante, inclusive criticamente, produzindo outras psicologias possíveis.

Por fim, ao retomar a dimensão do coração, como propõe Elgas (2025), ao afirmar que “nada mais ofensivo para um algoz que um coração inviolado”, reconheço que há, ainda, um lugar que resiste à colonização, um lugar que não se deixa capturar completamente por nenhuma epistemologia.

Talvez seja nesse espaço, mais do que decolonial, incolonizável, que se sustenta a possibilidade de recusa, de criação e de invenção de outros futuros. E, se algo se afirma ao final deste percurso, é justamente que nada está previamente determinado, e será sempre nessa abertura (fresta) que a clínica, a formação e a própria psicologia podem continuar a se refazer.

²⁰ Francelize foi uma aluna que tive de 4 anos de idade, com Síndrome de Down, que me inspirou a fazer psicologia nos meus 15 anos)

Referências

DAVID, Emiliano de Camargo. **Saúde mental e racismo**: saberes e saber-fazer desnortado na/para a Reforma Psiquiátrica brasileira antimanicomial. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

ELGAS. **Os bons ressentimentos**: ensaio sobre o mal-estar pós-colonial. Tradução de Diogo Cardoso. 1. ed. São Paulo: Sobinfluncia edições, 2025.

HILLMAN, James. **Psicologia arquetípica**: um breve relato. São Paulo: Cultrix, 1988.

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho**: Liber Novus. Edição preparada por Sonu Shamdasani. Petrópolis: Vozes, 2010.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278. Acesso em 15/06/2026: Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 71–88, 2018. DOI: 10.12957/periferia.2018.31504. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/31504>. Acesso em: 26 abr. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Editora Ubu, 2023.

TUXÁ, Nita. De onde falo, porquê falo, o que quero falar. *In*: Articulação Brasileira dos(as) Indígenas Psicólogos(as) (ABIPSI) (org.). **Pintando a psicologia de jenipapo e urucum**: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. p. 182. E-book.

WATKINS, Mary; SHULMAN, Helene. **Em direção às psicologias da libertação**. Tradução de Camilo Francisco Ghorayeb, Lucas Vaz de Lima Mattos e Braulio Eloi de Almeida Porto. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.